

SELVAGEM

14 de maio de 2022, 15h

MAM

o beijo do beija-flor



Ailton Krenak



Cristine Takuá



Muniz Sodré



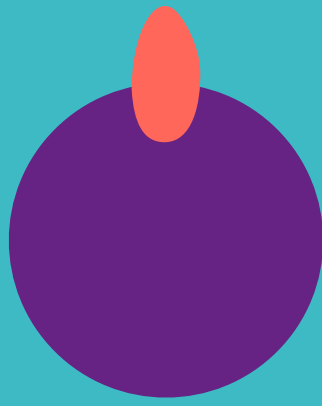
Thelma Villas Boas



O primeiro encontro
presencial,
após os tempos
de isolamento pandêmico,
será como o beijo do beija-flor,
gesto breve que poliniza e nutre.

Uma roda de conversa, única e presencial,
sobre educação, transmissão de conhecimento,
outras escolas e escolas vivas.

Com a participação de Nana Carneiro da Cunha no violoncelo
e cantos de Carlos Papá.



Onde se instala um terreiro não há mais periferia.

O terreiro é um centro de mundos, assim como uma aldeia.

Uma escola é abrir uma aldeia-terreiro no espaço-tempo, é reconhecer-se epicentro.

Escola, aqui, no sentido originário da palavra, scholé, ócio, tempo livre para o diálogo.

Queremos pensar sobre criação de mundos, “onde ao rio pode escapar ao dano, onde a vida pode escapar à bala perdida” como disse Ailton Krenak na conversa com Muniz Sodré “Cartografias para adiar o fim do mundo” na Flip 2021.

“O beijo do beija-flor” celebra o estado presencial do encontro e evoca a reflexão sobre pequenos coletivos como possibilidades polinizadoras frente às pedagogias monoculturais.



Uma conversa sobre transformação, escolas e educação, especialmente sobre escolas vivas, nome dado pelo pajé Dua Busê, do povo Huni Kuin, ao estado de espírito que se estabelece quando saberes são transmitidos. Passamos assim a chamar de “escolas vivas” projetos realizados por povos indígenas no sentido do fortalecimento cultural e da atualização da memória.

Desde março, Selvagem Ciclo de Estudos, se engajou na experiência de um sistema de trocas que envolve o oferecimento de ciclos gratuitos e o apoio às existências das escolas vivas.

“Selvagem ciclo de estudos sobre a vida” convoca, assim, seus participantes à retribuição de tudo que oferta gratuitamente (cursos e materiais de estudo), sugerindo o apoio financeiro essencial para que estas escolas vivas se viabilizem num país que não reconhece o imensurável valor das culturas nativas, ativas e guardiãs de memórias ancestrais.



Para essa reflexão com AILTON KRENAK, orientador do ciclo Selvagem, convidamos Cristine Takuá, Muniz Sodré e Thelma Villas Boas.

CRISTINE TAKUÁ é educadora, mãe, parteira, pensadora do povo Maxakali, coordenadora do programa de apoio às escolas vivas.

MUNIZ SODRÉ é jornalista, sociólogo, escritor, doutor em ciência da literatura, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Autor de diversos livros entre eles destacamos “Reinventando a educação: Diversidade, descolonização e redes” e a “Sociedade incivil”. Muniz Sodré é obá do Ilê Axé Opô Afonjá.

THELMA VILLAS LOBOS criou e coordena o projeto cozinha-escola Lanchonete Lanchonete na Pequena África, zona portuária do Rio de Janeiro.